SUICÍDIO E TRABALHO: UMA PERSPECTIVA DE BASE PSICANALÍTICA E DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Isadora Vialli Beraldi (PIBIC/CNPq/AF/IS/Uem), Guilherme Elias da Silva (Orientador), e-mail: ra98872@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Psicologia/ Psicologia Organizacional e do Trabalho

Palavras-chave: Suicídio, Trabalho, Sofrimento.

Resumo:

Buscamos descrever o suicídio, seus significados na história e suas estatísticas atuais; afinar as pesquisas para o ato nos locais de trabalho e; compreender e descrever os modos de gestão vigentes na atualidade e sua possível relação com os processos psíquicos do suicídio. Ademais, levantamos dois casos de suicídio no trabalho e, sob à luz das contribuições freudiana e dejouriana, buscamos formas de lidar com os aspectos do trabalho, que têm contribuído com o sofrimento e tentativa/suicídio nos locais de trabalho. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica com base psicanalítica, de cunho teórico e qualitativo e de análise conceitual do pensamento dos autores. Os resultados da pesquisa evidenciam que o suicídio decorre de uma dinâmica narcísica, através do mecanismo melancólico e, como todo ato, endereçado a algo/alguém, portanto, quando alguém se suicida no próprio local de trabalho é provável que ele esteja em causa.

Introdução

O estudo da história do suicídio nos mostrou que nem sempre era lhe atribuído o sentido que possui atualmente, alguns ficaram no passado, outros permaneceram e novos foram construídos. Tal construção teve como elementos principais a exacerbação do individualismo e a indiferença a dor do outro, o consumismo desenfreado utilizado como solução ao sentimento de desamparo, o aumento do desemprego e as intensificações do sentimento de insegurança, incerteza e vazio. Atualmente, o suicídio se insere no campo dos transtornos mentais, como as angústias, depressões, alterações de comportamento, bipolaridade etc., logo, adquire o *status* de patologia. De acordo com a folha informativa da OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde) e a OMS (Organização Mundial da Saúde),

atualizadas em agosto de 2018, que há, em média, em torno de 800 mil mortes por suicídio todos os anos. Sendo que, por trás de cada um desses suicídios existiram antes uma infinidade de tentativas, as quais foram eleitas como o fator preponderante para a concretização do ato suicida na população geral. O tema trata de suicídio no trabalho e o fato de não trazer dados quantitativos específicos já é um dado, bem dos alarmantes. Com base nas leituras e o que fora compreendido delas, pode-se dizer que o suicídio no trabalho ainda é um assunto pouco abordado e discutido. Em alguns países, como o Brasil, quase não é reconhecido e visto, quem dirá discutido. A falta de conhecimento e informação prejudica que medidas de tratamento e prevenção sejam criadas. Contribuindo, deste modo, para a perpetuação do silêncio e aumento dos casos de suicídio mundiais.

Materiais e métodos

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica psicanalítica que tem permitido uma análise vasta sobre os assuntos que decorre do tema da pesquisa, uma vez que possibilita um estudo dinâmico, histórico, social e cultural dos fenômenos psicológicos, bem como tudo aquilo de externo que pode vir a afetar o psíquico do indivíduo. A pesquisa foi feita por meio de levantamento teórico e dados quantitativos analisado e publicado, seja em livros, meios eletrônicos, artigos científicos e sites. Em destaque para o livro “Suicídio e trabalho: o que fazer”, publicado em 2010 e de autoria de Christophe Dejours e Florence Bègue.

Resultados e Discussão

De acordo com Dejours (2010), as tentativas e suicídios nos locais de trabalho iniciaram, na maioria dos países ocidentais, em meados de 1990. E que fora encoberto e silenciado por muito tempo por repercutir certo incômodo. O assunto só veio a público mediante as matérias escritas por jornalistas, a partir de 2007, na França, sobre a série de suicídios cometidos nas sedes das empresas Renault, Peugeot e da Électricité de France (EDF). Atualmente, os suicídios e tentativas ocorrem nas mais distintas áreas e locais de trabalho e, diante do ocorrido, a posição que mais tem sido adotada pelas empresas é a isenção de suas responsabilidades, “imputando, geralmente, o gesto suicidário a um ‘temperamento’ depressivo ou psicopatológico próprio ao suicida, ou ainda a conflitos afetivos que o mesmo desenvolvia na esfera privada” (DEJOURS, 2010, p. 12). Dejours (2010), refuta tal visão com a seguinte análise: a depressão não é um fenômeno novo dentro dos postos de trabalho, logo, um trabalhador acometido por sentimentos que possam levá-lo à realização de atos violentos contra si ou contra o outro é algo que encontramos facilmente; todos possuem seus problemas, seja pelas injustiças no trabalho ou por dificuldades de cunho pessoal que atinja a esfera do trabalho, são sofrimentos que na grande maioria das vezes fazem parte do estrutural do

ser humano; logo, por que então não havia, no passado, suicídios exclusivamente nos locais de trabalho?

As leituras freudianas sobre o suicídio revelaram a ocorrência de uma dinâmica narcísica no ato, a qual diz respeito a uma das formas de se relacionar e de se investir libido a uma determinada pessoa, objeto, ideal, organização do trabalho etc. A primeira experiência é encontrada nos primeiros anos de vida e nas primeiras relações de amor, tem como base naquilo que a pessoa é, que foi, que gostaria de ser, de algo ou alguém que foi parte dela. Esta relação objetal, por influência de ofensas reais ou imaginadas, que são emitidas por este algo que é amado, se torna perturbada. A libido que fica livre acaba por não ser investida em nenhum outro objeto, retorna ao Eu e estabelece uma identificação desse Eu com o objeto perdido, sendo que este último passa a se submeter aos julgamentos da instância moral. A perda real ou irreal deste objeto passa a ser a perda do Eu, por isso é esvaziado e empobrecido e o ódio que antes era dirigido ao objeto (à organização no caso do trabalho), mas não se manifestava, agora está no Ego/Eu. O suicídio, portanto, seria resultante deste ódio e agressividade exaltados no Eu, pois segundo Teixeira (2007) “o Eu só pode matar a si mesmo se conseguir, através do retorno do investimento objetal, tratar a si próprio como um objeto” (p. 111 – grifo do autor apud FREUD, 1917[1915], p. 136).

Dois relatos de caso de tentativa/suicídio no e em decorrência do trabalho foram detalhados ao longo da pesquisa, o primeiro é referente ao suicídio de um bancário e que fora retirado de um artigo intitulado “Considerações sobre trabalho e suicídio: um estudo de caso”, escrito por Marcelo Augusto Finazzi-Santos e Marcus Vinícius Soares Siqueira e publicado em 2011; o segundo caso foi retirado do livro “Suicídio e Trabalho: O que fazer?”, escrito por Christophe Dejours e Florence Bègue em 2010. Os dois possuem elementos que evidenciam o papel que o trabalho teve em ambos os atos, sobre o primeiro relato, os pesquisadores concluíram que o suicídio do bancário decorreu da dedicação e devoção do trabalhador à empresa e tal devoção foi sendo estimulada a tal ponto que já não tinha mais nada de saudável, mas patológico. Seu trabalho, cuja dedicação era extrema e demasiadamente estimulada, levou seu casamento à ruína, “à ruína familiar, à sumária exasperação psíquica e, em seguida, à ruína profissional” (Finazzi-Santos; Siqueira; 2011, p. 79). O segundo caso, também bem representativo, diz sobre uma intervenção complexa, mas necessária em uma empresa na qual muitas tentativas e suicídios ocorreram e isso por conta, segundo Bègue (2010), da “desorganização da produção, conflitos entre equipes, dificuldades de integração dos jovens, desrespeito aos procedimentos, rivalidades entre os diferentes serviços, concorrência exacerbada” (p. 57).

Conclusões

De modo geral, com base nas leituras e o que fora compreendido delas, pode-se dizer que o suicídio no trabalho ainda é um assunto pouco abordado e discutido. A falta de conhecimento e informação prejudica que medidas de tratamento e prevenção mais eficazes sejam criadas. Com o passar dos anos o tema foi ganhando certa visibilidade, consequentemente, se tornando alvo de inúmeras discussões (muitas delas, demasiadamente importantes). Entretanto, ainda assim, pudemos compreender no decorrer da pesquisa que o sujeito contemporâneo ainda vive atormentado por grande sofrimento decorrentes de ideações suicidas.
Assim sendo, o intuito desta pesquisa é, justamente, ampliar cada vez mais essa visibilidade e, tratar de um assunto em específico dentro do tema do suicídio que tem sido pouco discutido: o suicídio nos locais de trabalho.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Guilherme Elias da Silva e ao meu coorientador Prof. Dr. Marco Antônio Rotta Teixeira pelo apoio e compreensão durante o desenvolver da pesquisa. Também ao Cnpq pelo suporte dado com a bolsa de estudos fornecida.

Referências

DEJOURS, C.; BÈGUE, F. **Suicídio e trabalho**: o que fazer. 1. ed. Tradução de Franck Soudant. Brasília: Paralelo 15, 2010.

FINAZZI-SANTOS, M. A.; SIQUEIRA, M-V. S. **Considerações sobre trabalho e suicídio:** um estudo de caso**.** Rev. Bras. Saúde ocup., São Paulo, v. 36, n. 123, p. 71-83, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572011000100007. Acesso em: 03 de jun de 2020.

FREUD, S. Luto e melancolia. (1917). In: _____. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 127-144.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Folha informativa – Suicídio**. Distrito Federal: 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em: 14 jan. 2020.

TEIXEIRA, M. A. R. **A concepção freudiana de melancolia**: elementos para uma metapsicologia dos estados de mente melancólicos. Assis, 2007.